

o seu projeto e o patrocinador, que viu ali uma forma de implementar, por todo o país, suas ações em prol da democratização da cultura e da cidadania, com um impacto de mídia espontânea sem precedente em toda a vida da instituição.

Este breve panorama nos dá conta de como o mercado está se expandindo em relação às possibilidades de um espetáculo circular pelo país. Porém, há ainda muito que fazer e remexer em estruturas que impedem curadores, programadores e coordenadores de, dentro da lei, criar brechas para permitir um trânsito menos obstruído dentro e fora do país. Isso é uma batalha que certamente durará ainda décadas. Mas há, em todos os programadores aqui entrevistados, um desejo profundo por uma circulação e divisão de custos cada vez maior. Que outros personagens possam entrar nesse circuito para ampliar esse horizonte que ainda cabe nos dedos de uma mão. Os perfis estão claros e cada vez mais definidos, um avanço em relação ao panorama que se tinha no início da década. Mas, claro, há que se querer mais. O próximo passo é posicionar politicamente, em cada cidade ou estado, a grandiosidade que um boneco possui. Sua empatia e irreverência espelham nossa alma e nossa cultura. Quem ainda não entendeu isso?

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMOVICH, Fanny. *1980 – XIII Festival internacional de teatro de bonecos da UNIMA*, In Revista Mamulengo, n. 10. Rio de Janeiro, SNT, 1981.
- BRAGA, Humberto. *O papel dos festivais de teatro de animação na formação do ator animador brasileiro*. In Móin-Móin, ano 05, n. 06. Jaraguá do Sul, UDESC/SCAR, 2009.

## História e Imaginário: o Festival de Teatro de Formas Animadas de Jaraguá do Sul

Ana Paula Moretti Pavanello Machado  
e Gilmar Antônio Moretti

Sociedade Cultura Artística de Jaraguá do Sul - SCAR





PÁGINA 223: Espetáculo *Bonecrônicas* (1985 - RS), personagem Borguetinho. Grupo Anima Sonho. Foto de Chan.

PÁGINAS 224 e 225: Espetáculo *Primeiras Rosas* (2009 - SP). Cia. Pía Fraus. Concepção do espetáculo e seleção de contos Beto Andretta. Direção de Alexandre Fávero, Carlos Lagoeiro, Miguel Vellinho e Wanderlei Piras. Foto de Chan.

**Resumo:** O artigo apresenta um pouco da trajetória do Festival de Teatro de Formas Animadas de Jaraguá do Sul, compreendendo as motivações de sua criação e continuidade. Neste ano o Festival completa 10 anos de atividades ininterruptas. Para este estudo foi utilizada a abordagem da História Cultural, utilizando-se sobretudo, o conceito de imaginário e suas influências no prosseguimento das atividades do Festival atualmente.

**Palavras-Chaves:** Festival de Teatro de Formas Animadas de Jaraguá do Sul; História; Imaginário.

**Abstract:** The article presents part of the trajectory of the Puppet Theatre Festival of Jaraguá do Sul, including the reasons for its creation and the reasons for its endurance. This year the festival completes ten uninterrupted years of activity. A cultural-historical approach was used in this study, especially the concept of the imaginary and its influences on the progression of the activities of the festival in the present day.

**Keywords:** the Puppet Theatre Festival of Jaraguá do Sul; history; imaginary.

Este artigo pretende refletir sobre a trajetória do Festival de Formas Animadas de Jaraguá do Sul, compreender as motivações de sua criação, e a continuidade do evento que completará 10 anos de atividades. Para tanto, será utilizada a ótica da História Cultural que como afirma Roger Chartier (1990:17), “tem por principal objetivo identificar o mundo como, em diferentes lugares e momentos, uma determinada realidade social é construída, pensada e dada a ler”. Dentro da linha da História Cultural, existem diversos

campos específicos de análise: as representações, as narrativas, as sensibilidades, imaginários, entre outros. Para esta reflexão abordaremos o imaginário e a sua importância para a constituição, e principalmente para a consolidação do festival na cidade e região.

Jaraguá do Sul, a partir de 15 de agosto de 2001, iniciou a sua trajetória no universo do teatro de animação. Para seus habitantes isso era novo na cidade, até estranho porque afinal, o que era o “tal teatro de formas animadas”? Um festival sobre isso? Teatro de “bonequinhos” ou “fantocheinhos”? Certamente desse modo pensaram alguns dos habitantes e outros, possivelmente nem se interessaram. Assim começou um novo desafio, mostrar à população uma visão que sobrepujasse a concepção muitas vezes pejorativa do teatro de bonecos como “arte inferior”, destinada exclusivamente às escolas e crianças. Na verdade, essa missão não foi concluída, perdura até hoje, quando o Festival entra na sua décima edição.

Porque um Festival de Formas Animadas em Jaraguá do Sul? Qual a tradição do município nessa área? Estes questionamentos foram recorrentes na época porque não havia realmente nenhum grupo teatral jaraguense que trabalhasse com este gênero. Foi necessário resgatar na memória e no imaginário de sua população, histórias, lembranças, fatos que justificassem a realização de um festival desta natureza. A ideia de imaginário de Sandra Pesavento (2004: 43) colaborou nessa busca quando afirma: “[...] imaginário é um sistema de ideias e imagem de representação coletiva que os homens, em todas as épocas construíram para si, dando sentido para o mundo”. Este conceito esteve presente no resgate da história artística de Jaraguá do Sul, pois, o “imaginário é histórico e datado, ou seja, em cada época os homens constroem representações para conferir sentido ao real” (PESAVENTO, 2004: 43). Ao recorrer-mos à história do município localizamos uma tradição em teatro de bonecos que já havia sido esquecida por alguns de seus habitantes e por muitos, ainda desconhecida. Chegamos ao teatro de bonecos *Kasperle* praticado a partir dos anos 1950 por Margarethe Pätzmann Schlünzen. Foi necessário lembrar, recuperar, mostrar

aos jaraguenses parte de sua história cultural.

### **Raízes do Festival: um pouco sobre Margarethe Schlünzen**

Margareth nasceu em 13 de fevereiro de 1900 em Soltau, um distrito da Baixa Saxônia, na Alemanha. Na década de 1930 veio ao Brasil para cuidar dos filhos de sua irmã. Aqui, casou-se em 1937, com Ferdinand Schlünzen, pastor da Igreja Evangélica Luterana. Margareth trouxe da Alemanha, além da língua e o gosto pela música, “o hábito da leitura e a vivência do teatro de bonecos, o *Kasperle de Hohnstein*” (PETY, 2007: 234).

O *Kasperle de Hohnstein* era o teatro de marionetes da companhia de Max Jacobs, realizado no castelo de *Hohnstein*, no estado da Saxônia e que, depois da mesma ser expulsa pelos nazistas em 1933, permaneceram na cidade de Hohnstein, onde ergueram um teatro fixo para as marionetes. A companhia de Max Jacobs trouxe algumas inovações para o *Kasperle*, principalmente a incorporação de novos personagens, como Seppel e Gretel.

É nessa tradição de *Kasperle*, e com base no livro “Segredo do *Kasperl*” de Gustav Resatz, de 1944, que na década de 1950 a senhora Margarethe, após confeccionar alguns bonecos, inicia as suas apresentações em Jaraguá do Sul. Característica marcante era a sua chegada nas escolas, sempre com a expressão “Móin-Móin” que deriva da saudação “*Guteng morgen, guteng morgen*” (Bom dia, bom dia, em alemão), que a deixou conhecida como a “tia Móin-Móin”. Para alguns a lembrança de seu trabalho ainda é viva na cidade, Tia Móin-Móin até hoje é lembrada. Por isso a expressão Móin-Móin foi escolhida para batizar a Revista editada pela Sociedade Cultura Artística – SCAR – e a Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC.

Margarethe exerceu suas atividades de marionetista até início de 1973, quando veio a falecer no dia 25 de agosto. Para Margarethe, o teatro de bonecos “era um meio de ajudar a educar”, dedicando-se a essa tarefa durante toda a sua vida.

A pesquisa efetuada por Mery Petty (2007) identificou que havia no imaginário jaraguense a presença do *Kasperle*. Entretanto, como

o trabalho de Margarethe fora voltado para o público infantil e escolar, neste mesmo imaginário permanecia a noção de que o teatro de formas animadas era quase que exclusivamente para a escola e para crianças. Restava aos organizadores do Festival a tarefa de transformar essa idéia no sentido de que a população compreendesse que o teatro de formas animadas, pode sim ser um teatro destinado às crianças, mas essa arte também é feita e criada para o público adulto e ela se utiliza de diversos recursos expressivos além de fantoches.

### **Festival: conquistas e dificuldades**

A criação e a organização do Festival de Teatro Formas Animadas em Jaraguá do Sul surgiu do desejo dos seus organizadores de fugir do “lugar comum” dos festivais existentes no país. O evento deveria incorporar, além do que é fundamental, ou seja, a apresentação de espetáculos, outras ações relacionadas com essa arte. O desafio era realizar um festival que de alguma forma, se diferenciasse de outros festivais, e que dialogasse principalmente com a situação atual dessa arte, com uma programação pautada em encenações contemporâneas. Vivemos um cotidiano cada vez mais midiático, imbricado pelas novas tecnologias e que repercute nas concepções teatrais. O Festival nasceu desse desejo, aliado ao mesmo tempo, ao interesse de valorizar expressões do teatro de bonecos clássico ou tradicional.

Outro ponto de motivação para a sua realização, no início dos anos 2000, foi o Anima Mundi<sup>1</sup>, no qual os organizadores do Festival também se inspiraram para compreender novas tendências. Pensavam um Festival que oscilasse entre o novo e o tradicional, o inovador e o clássico, e que contribuísse, na sua realização, com reflexões e sínteses sobre esta linguagem.

Assim, o Festival de Teatro Formas Animadas de Jaraguá do Sul nasceu com o intuito de contemplar em sua programação tradição

<sup>1</sup> O Festival Anima Mundi é um festival de cinema de animação criado em 1993 no Rio de Janeiro. A programação contempla a exibição de curtas, médias e longas-metragens, seriados e comerciais. As linguagens narrativas e técnicas são as mais variadas. O festival está em sua 18ª edição.

e inovação. Com o objetivo de não esquecer a história do teatro de bonecos na cidade, o Kasperle de Dona Margarethe foi escolhido como Ânima do Festival. Um dos bonecos de luva de seu espetáculo, o Urso Envergonhado, desfila pelas ruas, em 2003, anunciando o Festival. Começava assim uma nova história, uma nova tradição calcada na própria história do município.

Ao longo dos anos o Festival proporcionou ao público jaraguense o contato com a produção nacional e internacional na área, apresentando espetáculos de grupos do Rio Grande do Sul, São Paulo, Paraná, Minas Gerais, Ceará, Pará, Rio de Janeiro, além de países como Itália, Japão, Argentina, Espanha, Hungria. Para muitos jaraguenses essa era a primeira vez que viam espetáculos teatrais de grupos de outras regiões do Brasil<sup>2</sup> e de outros países<sup>3</sup>, que traziam consigo suas tradições e parte de sua cultura. Os organizadores percebem que ao longo dos anos, mesmo com algumas dificuldades, o imaginário em torno do que era o teatro de formas animadas vem aos poucos sendo modificado.

A curadoria do Festival, em seus dois primeiros anos foi realizada por Nazareno Pereira e Júlio Maurício do Grupo Teatro Sim... Por Que Não?!!!, de Florianópolis; no ano seguinte, por Leone Silva, do grupo de teatro da Sociedade Cultura Artística. A partir do ano de 2005 a curadoria é assumida por Willian Siverdt da Trip Teatro

<sup>2</sup> Grupos como: A Caixa do Elefante de Porto Alegre; Cia PeQuod do Rio de Janeiro; Grupo Sobrevento e Cia. Trucks, de São Paulo; Cia. Catibrum e Grupo Giramundo de Belo Horizonte; Cia. In Bust de Belém, entre outros. Entre os catarinenses registramos, Teatro Sim... Porque Não?!!!, Cia. Experimentus, Grupo A Caixa, Trip Teatro de Animação, Cirquinho do Revirado, Cia. Mútua, entre outros. E os jaraguenses Gats, Cia Alma Livre e Grupo Gestus.

<sup>3</sup> Dentre as atrações internacionais tivemos as apresentações internacionais de Salvatore Gatto, Itália, com seu *Pulcinella, 500 anni portati bene*; Marcelo Peralta, Argentina, com *Harapo, e Una História de Amor*; Hoichi Okamoto, Japão, com Dondoro Theater; Sergio Mercurio, Argentina, com *En Camiño e Los Viejos*; Miguel Gallardo e Olivier Benoit, Cia. Tabola Rassa, Espanha, com *L'Avar*; Hugo Suarez, Teatro Hugo & Ines, Peru, com *Cuentos Pequeños*; András Lénárt, Mikropódium, Hungria, com *Stop*; Jordi Bertran, Espanha, com *Antologia*; Pelele Marionetes, Franca, com *La Muerte de Don Cristóbal*.

de Animação da cidade de Rio do Sul.

As primeiras edições contaram com desfiles, com bandas, chamando a atenção do público para o evento. Os desfiles anunciavam o festival para a população percorrendo as ruas centrais da cidade. É importante destacar que essa prática era comum em Jaraguá do Sul nas décadas de 1920 a 1950 para anunciar a chegada dos circos. O desfile com bonecos, bandas, provoca grande agitação na cidade e resgata no imaginário da população a idéia de festa, novidade, acontecimento com atrações e a ruptura com o cotidiano de trabalho.

Embora a programação esteja destinada prioritariamente para os palcos do Centro Cultural da SCAR, sempre houve uma programação ampliando as ações do Festival com apresentações teatrais em fábricas, nas ruas, nas praças e nas escolas. O Festival foi rompendo as barreiras do tradicional palco italiano do Centro Cultural e invadiu outros espaços da cidade. Uma das metas de seus organizadores é buscar o público para admirar e aplaudir os artistas e envolver-se com a arte. É possível dizer que o público jaraguense já incorporou à sua rotina, as atividades do Festival de Teatro de Formas Animadas, e que o mesmo integra o cenário cultural da cidade e região.

Paralelamente às apresentações dos grupos teatrais, o Festival, desde os seus anos iniciais também se preocupou com a formação de artistas e interessados em arte, e assim encontrou na Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC – e no seu Programa de Pós-Graduação em Teatro (Mestrado e Doutorado), uma parceria ombreada com os ideais da Sociedade Cultura Artística – SCAR. E certamente, com os ideais de Margarethe “Móin-Móin”. Em 2004 tem início o Seminário de Estudos sobre Teatro de Formas Animadas, que orientará, logo depois, a edição da Móin-Móin - Revista de Estudos sobre Teatro de Formas Animadas, iniciativa inédita no Brasil. O perfil do Festival se define mais claramente e se consolida ao reunir espetáculos, conferências e reflexões sobre essa arte e a publicação de estudos sobre este mesmo tema. A reunião destes três aspectos: espetáculos, estudo e publicação dão ao Festival um perfil que o distingue de outras realizações no campo do teatro de animação.

### O Seminário de Estudos sobre Teatro de Formas Animadas

Diante desse novo conceito e na busca de consolidá-lo como Festival, seus organizadores procuraram inovar ainda. Neste sentido foi criado, conjuntamente com o Prof. Dr. Valmor Nini Beltrame, o Seminário como espaço para reflexão e discussão da teoria e da prática do teatro de animação. Muitos grupos de teatro de animação no Brasil fazem experimentações, estudos, e vivenciam processos criativos que merecem registros. O propósito dos grupos não é publicar artigos, o resultado disso aparece de modo visível nos espetáculos. Ao mesmo tempo, nos últimos anos, diversas Programas de Pós-Graduação têm estimulado a pesquisa nessa área e o resultado das mesmas permanece restrito ao âmbito acadêmico. A intenção foi criar uma oportunidade de troca de informações e apresentação das pesquisas realizadas nas universidades e no interior dos grupos fazendo desse momento no Festival mais um espaço de produção de saberes e conhecimentos.

Na sua primeira edição, em 2001, foram dados os primeiros passos para a concretização dessa idéia. Naquela edição, Magda Modesto proferiu palestra discorrendo sobre a prática e a história do teatro de formas animadas no Brasil. E na terceira edição, em 2003, o Prof. Dr. Valmor Nini Beltrame foi convidado para analisar as semelhanças e diferenças entre o teatro de atores e o teatro de formas animadas. O encontro gerou um interessante debate entre integrantes dos grupos de teatro, estudantes do Curso de Artes Cênicas da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC e público em geral ali presente.

Essas duas experiências tornaram possível a realização, em 2004, do 1º Seminário de Estudos do Teatro de Formas Animadas que trouxe a Jaraguá do Sul importantes pesquisadores e estudiosos da área. Inaugurava-se assim, uma nova e importante iniciativa, além dos espetáculos nacionais e internacionais apresentados: debates e palestras tornaram-se parte fundamental e importante do festival.<sup>4</sup> É importante lembrar que o tema do Seminário define o tema da Revista. Há desse modo, a integração das ações, contemplando divertimento, formação e informação.

### A Revista Móin-Móin

As reflexões e os estudos apresentados no Seminário de Estudos permitiram que o Festival realizasse novos vôos. No ano de 2005, em uma parceria entre SCAR e UDESC foi lançada a edição número 1 da Revista Móin-Móin. Segundo seus editores, Gilmar Antonio Moretti e Valmor Nini Beltrame (2005:12) a publicação procurava completar:

as ações formativas desencadeadas pelos festivais realizados na cidade de Jaraguá do Sul, desde 2001. Trata-se de uma revista que pretende preencher a grande lacuna na publicação de estudos e reflexões, resultado de pesquisas efetuadas nas universidades brasileiras ou no interior dos grupos que trabalham com as distintas formas expressivas que compõem o vasto campo do teatro de formas animadas.

Na sua apresentação os editores também afirmam: “é uma revista que busca colaborar na formação de artistas, professores de teatro e do público interessado em conhecer mais profundamente essa linguagem” (BELTRAME e MORETTI, 2005:13). Assim, a Revista registra parte das discussões do Seminário, fomenta a discussão sobre essa arte e cumpre uma função importante de preencher a lacuna sobre a publicação sistemática no contexto brasileiro no qual até o presente momento não existe periódico sobre Teatro de Formas Animadas. A Revista tem uma edição anual e é monotemática: está dedicada ao teatro de animação, mas para cada

<sup>4</sup> Os seminários, contaram e contam com a colaboração da Prof<sup>ª</sup>. Dra. Ana Maria Amaral (USP); Antonio Carlos Sena (RS); Chico Simões (Mamulengo Presepada, DF); Prof.<sup>a</sup> Dra. Darci Kusano (USP); Prof. Dr. Felisberto Costa (USP); Humberto Braga (RJ); Prof.<sup>a</sup> Dra. Izabela Brochado (UnB); Prof. Dr. José Ronaldo Faleiro (UDESC); Luiz André Cherubini (Grupo Sobrevento, SP); Magda (RJ); Prof. Marcos Malafaia (Grupo Giramundo, MG); Prof. Mestre Mario Piragibe (UFU); Miguel Vellinho (RJ); Prof. Mestre Tácito Freire Borralho (UFM, MA); Prof. Tito Loreface (Argentina); Prof. Dr. Valmor Beltrame (UDESC) e Prof. Dr. Wagner Cintra (UNESP); Marcos Magalhães (Anima Mundi – RJ); Ana Alvarado (Periférico de Objetos – Buenos Aires); Francisco Medeiros (SP); Prof<sup>ª</sup> Dra. Alice K (UNICAMP); entre outros renomados diretores de teatro e estudiosos dessa arte.

edição seu Conselho editorial decide um tema a ser abordado. Essa opção possibilita aprofundar as discussões em torno de um objeto de estudo. A reunião de mais de uma dezena de artigos abordando um mesmo assunto busca de um lado, cobrir em parte a temática selecionada e de outro, reunir diferentes visões sobre a mesma.

Vele repetir que a Revista deve o seu nome à saudação *Moin*, comum entre os imigrantes alemães da região e principalmente às lembranças deixadas por Tia Margarethe Pätzmann Schlünzen e seu *Kasperle*. O Festival, o Seminário de Estudos e a Revista constituem uma unidade que alimenta as lembranças e o imaginário dos que assistem, participam e acompanham a programação do evento. *Móin-Móin* é saudação, cumprimento, mas também é festa, encontro, estudo e reflexão. O efêmero que constitui e caracteriza a obra teatral se materializa na publicação que registra parte das discussões, estudos e problematizações vivenciadas no evento.

### Dificuldades e desafios

O ano de 2010 marca a 10ª edição do Festival. São 10 anos de atividades consolidando idéias. Hoje, certamente muitas pessoas que há uma década não compreendiam muito bem o que era o “teatro de formas animadas”, o apreciam e o aguardam a cada edição. Para muitos, a concepção de teatro de bonecos foi ampliada permitindo ver e compreender que essa arte é mais complexa. Ou seja, é uma arte que reúne manifestações como teatro de sombras, teatro de máscaras, teatro de objetos, o trabalho de animação de atores que estão visíveis ou ocultos. É preciso destacar que alguns grupos de teatro da cidade têm trabalhado estas propostas com sucesso.

Um dos aspectos mais importantes dessa realização é sem dúvida, a democratização do acesso à arte, ao conhecimento, e à fruição de bons espetáculos para a população da cidade e região. Ao reunir espetáculos, a apresentação de estudos e pesquisas e ao efetuar a publicação da Revista, o evento se consolida como espaço de formação e entretenimento.

Dificuldades sempre existiram na realização das edições do Festi-

val, mas elas são superadas. Seus organizadores e participantes, atores e público, enfrentam os desafios porque sabem das surpresas quando a cortina se abre e o apresentador, com voz humana e corpo nem sempre reconhecível, os conduz ao mundo que já não é mais o cotidiano.

Entretanto é importante reconhecer as limitações do Festival de Jaraguá do Sul e ver que após uma década de trabalho ainda existem muitas interrogações: os objetivos inicialmente definidos foram alcançados? Qual a contribuição dessa ação no contexto da cultura da cidade? Seus objetivos precisam ser renovados? São questionamentos ainda sem respostas definitivas e que provavelmente necessitam de algumas edições para serem respondidos.

Para seus organizadores o estímulo para seguir realizando o Festival, além de colaborar para a reflexão sobre essa linguagem, está no grande número de pessoas de todas as faixas etárias que assistem aos espetáculos; o entusiasmo para realizar o festival também nasce da satisfação expressa por muitos espectadores sobre a emoção vivida nos espetáculos e vem da certeza de que parte da visão equivocada sobre essa arte vem sendo superada. A população que espera cada nova edição torna-se a grande parceira e incentivadora deste festival.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHARTIER, Roger. *A história Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.

BELTRAME, Valmor e MORETTI, Gilmar Antonio. Apresentação. *Móin-Móin – Revista de Estudos sobre Teatro de Formas Animadas*, N.º 1. SCAR/UEDESC: Jaraguá do Sul, 2005.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PETY, Mery. *Móin-Móin, Margarethe. Móin-Móin – Revista de Estudos sobre Teatro de Formas Animadas*, N.º 3. 2007.